

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.042](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.042)

FORMAÇÃO DA PESQUISA- PESQUISADOR(A) EM EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: (DES)CAMINHOS POSSÍVEIS

Isaias da Silva

Doutorando em Educação Contemporânea do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea-PPGEduC da Universidade Federal de Pernambuco/ Centro Acadêmico do Agreste- UFPE/CAA, isaiassilva-@hotmail.com.

RESUMO

Este texto constitui-se enquanto um ensaio acadêmico que objetiva criticamente refletir como se dá a formação da pesquisa-pesquisador(a) em Educação Contemporânea. Metodologicamente esta problematização vai ganhando forma-conteúdo ao nos aproximarmos de considerações e reflexões possíveis que nos evidenciam (des) caminhos possíveis para pensar-sentir-viver o processo de ser-fazer pesquisa-pesquisador(a) em Educação Contemporânea, no âmbito do Mestrado e Doutorado, centrado no diálogo e na proposta de construção de saberes-fazeres *outros*. Nesse sentido, consideramos que os programas de pós-graduação, a exemplo, o Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, do Centro Acadêmico do Agreste (CAA), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), localizado na cidade de Caruaru-Pernambuco, configura-se enquanto uma possibilidade de seguir ressignificando os processos formativos de ser mestre(a) e doutor(a), compreendendo que são percursos permeados pela ação-reflexão-ação de problemáticas em que o(a) pesquisador(a) é afetado(a) e afeta pelo con/texto político, cultural, social, educacional dentre outros em que os povos-territórios constituem.

Palavras-chave: Formação, Pesquisa-Pesquisador(a), PPGEduc,
Educação Contemporânea.

INTRODUÇÃO

O diálogo, pois, na acepção de Freire é fundamentalmente ação cultural para a transformação: consciências que se encontram através da palavra (daqueles que “dizem a sua palavra”), mediatizados por um mundo que precisa ser “desvelado” para ser transformado através da práxis, entendida como « ação e reflexão sobre a ação » (BRAYNER, 2007, p.11).

Nessa direção, gostaríamos de iniciar sinalizando que a nossa intencionalidade é estabelecermos um diálogo a partir de um con/texto que objetiva ensaiar elementos teórico-metodológicos possíveis para sentir-pensar-viver a formação da pesquisa-pesquisador(a) em Educação no contexto contemporânea. Sinalizamos que realizar pesquisa é uma ação individual-coletiva em que movimenta saberes-territórios que vão sendo (re)significados a partir do espaço-tempo político, social, cultural que se pretende assumir como *locus* de enunciação. Nesta vertente, nos inquietamos sobre os percursos possíveis que se dobra e desdobra no ato de se pesquisar. Assim, vamos nos formando pesquisador(a) questionando: existe um “modelo” certo de ser fazer pesquisa? qual a contribuição da pesquisa para sociedade? existe uma abordagem teórico-metodológica “correta” a ser adotada na pesquisa? ser pesquisador(a) é se colocar neutro(a) frente à problemática em estudo?

Essas perguntas vão movendo em nós a seguinte curiosidade epistêmica: como se dá a formação da pesquisa-pesquisador em Educação Contemporânea? No entanto, salientamos que mais do que respostas, estamos interessados(as) em seguir problematizando e assim, criando questões *outras*¹ que contribuam na possibilidade de compreendermos os desafios e possibilidades de

1 O termo outro(s)/outra(s) utilizado ao longo deste texto sinaliza o posicionamento de fronteira existente nesta discussão. Não estamos aqui deventando à lógica de uma única forma ou perspectiva de se pensar-sentir-viver a formação da pesquisa-pesquisador(a). Walsh (2008), utiliza-se desse termo compreendendo que não significa contraposição ou alternativa, mas sim possibilidades distintas, protagonizadas pelas lutas e resistências dos povos-territórios que advogam a possibilidade de narrar histórias e produzir conhecimentos para além do cânone colonial.

se fazer pesquisa-pesquisador(a), a partir de lentes e abordagens teórico-metodológicas *outras*.

Ao nos comprometermos em pesquisar no contexto educacional, faz-se necessário sinalizarmos qual a concepção de Educação que estamos nos referindo. Assim, nos aproximamos da concepção de Educação Contemporânea, ou seja, uma Educação *outra* centrada na contemporaneidade de seus sujeitos-territórios, que enquanto um grande guarda-chuva, nos possibilita aprender-pesquisar-refletir com seus sujeitos, considerando suas dimensões políticas, sociais, culturais, filosóficas, territoriais, étnico-raciais, educacionais, dentre outras.

A formação de pesquisadores(as) educacionais ganha relevo neste ensaio, pois nos possibilita considerar que os processos formativos têm um caráter contínuo de aprendizagem que ultrapassa a conclusão da formação acadêmica (Mestrado, Doutorado), estendendo-se ao longo do percurso do(a) pesquisador(a) e a partir dos contextos das pesquisas. Um elemento importante a ser considerado está estreitamente relacionando às identificações do(a) pesquisador(a) com o que se é pesquisado e às condições do(a) pesquisador(a) para que a pesquisa de fato possa contribuir e problematizar a realidade.

Nessa direção, ao problematizarmos sobre a formação do(a) pesquisador(a), podemos nos aproximar da concepção de pesquisador(a)-criança? Considerando que “a infância não é apenas uma questão cronológica: a infância é uma condição da experiência. É preciso ampliar os horizontes da temporalidade” (KOHAN, 2014, p.03). Estamos assim nos aproximando de uma formação do(a) pesquisador(a) que se inscreve em diálogo com a experiência. Desse modo, não corremos o risco de estereotipar um “modelo/padrão” de ser pesquisador(a) e de se fazer pesquisa. Assim, a experiência constitui-se enquanto um passo, “uma passagem. Contém o “ex” do exterior, do exílio, do estranho, do êxtase. Contém também o “per” de percurso, do “passar através”, da viagem, de uma viagem na qual o sujeito da experiência se prova e se ensaia a si mesmo” (LARROSA, 2009, p.57).

Vamos assim, refletindo sobre a possibilidade de nos tornarmos em um (a) pesquisador(a) infantilmente amoroso(a) e revolucionário(a), ao não nos colocarmos na condição de quem vai ao “campo

coletar dados”, mas sim, alguém que se move a aprender e construir elementos *outros*, mediante a um diálogo crítico-reflexivo e esperançoso. Assim, vamos aproximando a formação da pesquisa-pesquisador(a) em Educação Contemporânea na perspectiva de uma educação pautada na pergunta.

Segundo Kohan (2021, p.46),

uma educação de verdade é uma educação na pergunta e no perguntar e, por isso, ela é também uma educação infantil. Assim concebida, uma educação de verdade é também uma educação infantil, não porque ela atenda a sujeitos cronologicamente infantis, mas porque cuida da dimensão infantil da vida que pessoas, de qualquer idade, através das perguntas e do perguntar, podem encontrar.

Assumimos aqui a concepção de “Educação de Verdade”, não enquanto algo “único e absoluto”, mas enquanto uma possibilidade construída nas verdades de seus sujeitos e saberes. Assim, vamos militando na construção de exercícios de pesquisas que tensionem colocar em evidências enredos que historicamente fora/ são negados, silenciados e/ou deturpados.

O(a) pesquisador(a)-criança aponta elementos para pensar-sentir-viver uma Educação Menina forjada e atravessada pela potencialidade de ser e de compreender e interagir no mundo. Desse modo, é crucial percebemos a natureza político-social em que se inscreve a educação, logo o ser-fazer pesquisador(a), passa sobretudo por essa natureza, situada histórico-político e socialmente pelos os cenários pesquisados e estudados.

ENSAIANDO PERCURSOS METODOLÓGICOS *OUTROS*

O ensaio não se situa fora do tempo, mas no tempo e, além disso, num tempo consciente de sua fugacidade, de sua caducidade, de sua finitude, de sua contingência. O ensaio também é, mesmo que de outra forma, palavra no tempo, pensamento no tempo. Poderíamos dizer que o ensaísta pensa e escreve sabendo-se mortal, sabendo que tanto suas palavras como suas idéias são mortais e que, talvez por isso, estão vivas. (LARROSA, 2004, p.333)

Este texto teórico-metodologicamente forja-se a partir de elementos epistemológicos e práticos em relação aos processos que permeiam a realizada e formação da pesquisa-pesquisador(a) em seu viés didático-formativo. Compreendemos que o percurso de pensar-sentir-viver é um percurso de seguir refletindo sobre/com a realidade. Consideramos assim que a pesquisa constitui-se em diálogo com realidade sócio-político-cultural-educacional dos espaços-tempos e sujeitos-territórios que se configuram enquanto lócus/ sujeitos colaboradores(as) dos estudos.

Desse modo, metodologicamente este texto constitui-se enquanto um ensaio acadêmico, objetivando assim refletir e problematizar os processos que perpassam a formação da pesquisa-pesquisador(a) em Educação Contemporânea. Nesse sentido, nos aproximamos da proposta de ensaio, por compreendermos que

o ensaio é uma escrita no presente ou, melhor dizendo, uma escrita que estabelece uma certa relação com o presente. Há uma vinculação bem estreita entre o ensaio e a atualidade. Mas uma vinculação que é, ao mesmo tempo, uma distância ou, melhor, que se produz através da distância. Em Foucault, que é um ensaísta fantasiado de historiador, trata-se de uma relação com o presente, que se produz por meio de uma distância temporal, construída de um modo muito específico (LARROSA, 2004, p.33).

Assim, ensaiar sobre o processo formativo da pesquisa-pesquisador(a) é lançar mão de uma posição político-crítica sobre os processos e caminhos *outros* de se fazer pesquisa-pesquisador(a). O ensaio enquanto uma forma de escrever e se colocar frente as problemáticas que versam sobre determinados assuntos, diz também sobre do espaço-tempo do lugar-saber do sujeito que ensaia. Desse modo, considero que enquanto ensaísta a proposta é de fato mobilizar as reflexões e os estranhamentos que foram sendo movimentadas quando pensamos sobre a pesquisa-pesquisador(a).

A PESQUISA-PESQUISADOR(A) FORJADO NAS LINHAS DA DIFERENÇA E DA HETEROGENEIDADE

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa (FREIRE, 1996, p.15).

Não seria muita ousadia nossa buscar refletir acerca de nosso processo de ser pesquisador(a) e de fazer pesquisa? Não estamos aqui querendo reunir elementos que nos possibilite “determinar” como ocorrem os processos de formação do(a) pesquisador(a)? Para estas e futuras questões que tentem inscrever ou até mesmo ditar uma identidade do(a) pesquisador(a), estamos aqui nos declarando contrários essa relação binária. Vamos centrar nossas reflexões em uma concepção transgressora, que vai se forjando nas identidades, subjetividades e diferenças dos sujeitos-territórios.

Nosso maior objetivo é colocar em discussão *outras* linhas complexas e desafiadoras nos des(atos) e (des)caminhos de se fazer-saber pesquisa-pesquisador(a). O reconhecimento da diferença como uma proposta *outra* em que sujeitos, saberes, territórios e identidades são problematizados. Assim, nos propomos também, aproximar nossas reflexões sobre a pesquisa-pesquisador(a), em uma dimensão rizomática, pois nosso maior interesse é compreendermos que os processos de pesquisa vão se forjando no campo de experimentação em que saberes, sujeitos, vozes, saberes se inter-cruzam e se automefamorfoseia.

Deleuze e Guattari (2011, p.36), nesta direção, argumentam que

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.

Tal reflexão, demanda uma lógica *outra*, que visa substituir o “ou” pelo “e”. No contexto da pesquisa, seguimos problematizando questões que se forjam na complexidade entre o eu-tu-mundo de forma interligada. O rizoma, é uma forma de pensamento que funciona evitando assim, o processo de fragmentar o “objeto pesquisado”, o compreendendo enquanto um elemento social-historicamente situado. Assim, ao nos aproximarmos a uma questão a ser estudada, faz-se necessário compreendê-la de forma macro e micro.

Nessa direção, seguimos pensando a pesquisa-pesquisador(a), na perspectiva do rizoma, pois o “[...] rizoma não se presta nem a uma hierarquização nem a ser tomada como paradigma, pois nunca há um rizoma, mas rizomas; na mesma medida em que o paradigma, fechado, paralisa o pensamento, o rizoma, sempre aberto, faz proliferar pensamentos” (GALLO, 2003, p.93). Assim, seguimos perseguindo a compreensão que a pesquisa não se forja em um terreno linear, mas sim, plural e aberto à influências *outras* que vão se somando e constituindo o próprio objeto/contexto de estudo.

Desse modo, problematizamos o lugar-papel do(a) pesquisador(a) partindo do pressuposto que sua atuação se constitui a partir dos encontros e afetações que foram se forjando de forma heterogênea entre o(a) pesquisador(a) e o que se pretende pesquisar. Essa relação rizomática se dá durante todo o processo. Faz-se necessário sinalizar que contexto da proposta de Deleuze e Guattari (2011), a cartografia é uma das principais formas de se realizar pesquisa. A cartografia tem suas feições em procedimentos que não são prontos e acabados, mas que vão sendo forjados no processo em que as ações vão se forjando.

Ao pensarmos no(a) pesquisador(a), faz-se necessário questionarmos: quem é o sujeito pesquisador(a)? De qual sujeito estamos falando? O sujeito pesquisador(a) é algo dado? Bom, à luz destas questões nos aproximamos do pensamento foucaultiano de sujeito, pois entendemos que o sujeito se constitui na temporalidade histórico, político, social, cultural, educacional, dentre outras que se faz na interação individual e coletiva. Assim,

dentre as metanarrativas iluministas a que Foucault deu as costas, talvez a mais importante e que mais interessa para a Educação seja aquela, numa boa aproximação, pode ser sintetizada na seguinte expressão: *o sujeito desde sempre aí*. Em vez de aceitar que o sujeito é algo sempre dado, como uma entidade que preexiste ao mundo social [...] (VEIGA-NETO, 2007, p. 107).

Contudo, argumentamos que o sujeito vai se forjando cotidianamente a partir das experiências que os atravessam, compondo assim suas subjetividades e se colocando no mundo. Nesse sentido, consideramos que o(a) configura-se enquanto um sujeito crítico-reflexivo, possibilitando assim, pensarmos nos (des)caminhos possíveis da pesquisa. Tais reflexões oportunizam compreendermos a função social da pesquisa, ou seja, a promoção de estudos que estejam voltados a evidenciar sujeitos, saberes, identidades e territórios *outros*.

Seria essa uma possibilidade *outra* se de fazer pesquisa-pesquisador(a)? Longe de buscarmos responder esta questão, nos colocamos na condição de problematizadores(as) que reconhecem a urgência e emergência de pensar e viver a pesquisa em outras perspectivas. Comungamos com Gallo (2003, p.95), ao argumentar que “a adoção de uma nova imagem de pensamento para o saber significa, ao mesmo tempo, uma nova abordagem do próprio conhecimento, para Deleuze e Guattari, o saber passa a ser uma *funcionalidade*”. É, pois, motivamos a compreendermos acerca da funcionalidade da pesquisa e do saber que nos movemos, assim, quando questionamos a realidade, abrimos possibilidade de leituras e reflexões *outras*, não sobre os sujeitos, mas sim com os protagonistas dos enredos das pesquisas contemporâneas que tencionamos estudar.

No que concerne ao ato do(a) pesquisador(a) em realizar pesquisa, chamamos atenção para o laço de pertencimento dos sujeitos envolvidos no processo de descoberta, reinvenção e criação movido pelo ato de pesquisar. Assim, vamos nos aproximamos de uma das ações do(a) pesquisador(a) que se forja no ato de citar e estabelecer relações teóricas e empíricas que vão constituindo a pesquisa. Desse modo, consideramos que

citar um determinado texto é, na verdade, evocá-lo através de um determinado fragmento, a citação é um “vestígio” que leva o leitor ao texto integral. O fragmento da citação, sendo parte de um todo, traz consigo todo o texto de origem, em analogia à *madeleine* proustiana que traz consigo toda a infância do protagonista (OTTE, 1996, p. 2018).

Vamos assim, compreendendo que se inscreve na formação da pesquisa-pesquisador(a) elementos de protagonismo e criação que ganha relevo a partir das experiências teórico-práticas. A criação e recriação refere-se à autoria do(a) pesquisador(a) em citar/recitar e de contar outras histórias-saberes que caminham e sinalizam possibilidades *outras* de se pesquisar e se fazer pesquisador(a).

Nesta direção, ao deslocarmos/ desconstruirmos a “imagem” do(a) pesquisador(a) enquanto o que vai “dar voz, descobrir, responder algo”, sinalizamos a possibilidade de pensarmos em propostas de pesquisas que nos movam a repensar as estruturas teórico-metodológicas de sujeitos e objetos *outros*. Assim, consideramos o Bem Viver enquanto um projeto u-tópico e de-colonial possível de pensar-sentir-viver formas-modos de vida e de pesquisas evidenciando *lócus outros* de enunciação.

Desse modo, chamamos atenção para povos *outros*, a exemplo, dos povos indígenas que nos ensinam a pesquisar e (re)conhecer epistemologias e processos *outros* de se pesquisar-aprender. Nessa direção, evidenciamos e reconhecemos os “povos indígenas da região andina que afirmam, no conceito de Bem Viver, a possibilidade da vida fora dos parâmetros do bem-estar proclamados pela modernidade ocidental eurocêntrica e capitalista, ou seja, fora da lógica da colonialidade” (LACERDA; FEITOSA, 2015, p.6).

Com base na perspectiva decolonial, que se constitui o Bem Viver, consideramos que essa proposta *outras* nos instiga a (re) pensar os objetos e procedimentos metodológicos que constituem o ser-fazer pesquisa-pesquisador(a). A mudança paradigmática sugerida pelo Bem Viver fomenta/propõe uma ruptura epistêmica, ao se distanciar do pensamento ocidental hegemônico e colocando dentro do centro da discussão, povos-territórios *outros*, a exemplos, povos negros, indígenas, camponeses, mulheres, movimento

LGBTQIA+, dentre outros que tiveram/têm suas histórias-saberes marcados pela herança colonial.

Assim, na tentativa de iniciarmos algumas considerações acerca desta reflexão aqui apresentada, gostaríamos de pontuar que

como este trabalho foi escrito: degrau por degrau, à medida que o acaso oferecia um estreito ponto de apoio, e sempre como alguém que escala alturas perigosas e que em momento algum deve olhar em volta a fim de não sentir vertigem (mas também para reservar para o fim toda a majestade do panorama que se lhe oferecerá) (BENJAMIN, 2006, p. 502-503).

Desse modo, chegamos até o presente momento, propondo possibilidade de estabelecermos diálogos *outros* a partir da formação da pesquisa-pesquisador(a) em Educação Contemporânea. Chamamos atenção também, para a importância de programas de pós-graduação, a exemplo, do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea-PPGEduC/UFPE/CAA, que objetiva a formação de mestres(as) e doutores(as) reconhecendo as urgências e emergências das discussões contemporâneas que constituem a educação e suas interfases políticas, filosóficas, sociais, culturais, dentre outras.

O Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, do Centro Acadêmico do Agreste (CAA), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), localizado na cidade de Caruaru/PE, é fruto dos processos de interiorização das universidades federais. Esse espaço-tempo é, sobretudo, uma possibilidade *outra* de se fazer-pensar pesquisa-pesquisador(as) de forma rizomática, pois assume o compromisso político-social com a sociedade e os elementos que perpassam a Educação em sua dimensão contemporânea.

Este Programa, pioneiro no interior do Estado de Pernambuco, na área de Educação, foi criado em 2011 e teve suas primeiras publicações depositadas em 2013, no âmbito do mestrado. Atualmente o mesmo, oferta cursos de Mestrado e Doutorado em Educação, contribuindo na/para formação específica e diferenciada de pesquisadores(as), bem como, na realização de pesquisas que sejam comprometidas com a realidade social dos que estão envolvidos.

Vale salientar que o PPGEduc/UFPE/CAA teve o curso de Doutorado aprovado pela Capes em 2020, e seu início com a primeira turma, em primeiro de fevereiro de 2021. Pontua assim que constitui a segunda turma de Doutorado deste programa, ingressando em 2022. O Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco tem por finalidades:

a) proporcionar, aos mestrandos e doutorandos, um aprofundamento na área de Educação, que lhe permita atingir alto padrão de competência acadêmica e técnico-profissional e desenvolver uma visão sólida e abrangente da Educação, além de instrumentos didáticos eficientes que lhe permitam relacionar esses conhecimentos à prática docente e à pesquisa na área de Educação; b) oferecer, no âmbito da Universidade, ambiente e recursos adequados para que se desenvolva a investigação na área de Educação, relativa, mais especificamente, ao estudo das teorias e metodologias relacionados aos campos da educação e diversidade da docência e processos de ensino e aprendizagem (UFPE, 2021, p. 27).

Através das articulações entre local, regional, nacional e global, o PPGEduc/UFPE/CAA segue se comprometendo com a formação da pesquisa-pesquisador(a) em Educação Contemporânea ao reconhecer e reivindicar a possibilidades de vozes-sujeitos-territórios *outros* protagonizarem suas formas de ser-estar no mundo. O processo de se fazer-tornar pesquisa-pesquisador(a) dar-se diretamente atrelado pela militância que tensiona romper lógica colonial/eurocêntrica de se produzir pesquisa. Defendemos aqui o reconhecimento de formas-modos *outros* de se produzir conhecimentos em diálogos com povos-territórios enquanto protagonistas de histórias-saberes.

A proposta de reconhecer formas *outras* de compreender e intervir na sociedade, ratificamos que um (des)caminho possível de se pesquisar é identificar sua face heterogênea e plural. Pesquisar é, sobretudo, um ato político que exige do(a) pesquisador(a) um posicionamento político-metodológico. Assim, aproximamo-nos das reflexões sobre a pesquisa, na perspectiva do Bem Viver. Para Lacerda e Feitosa (2015, p.17),

o Bem Viver trabalha com a ideia de respeito à diversidade, o que leva ao conceito de interculturalidade. Aceitar e respeitar a diferença significa também aceitar a semelhança. A relação intercultural é a ferramenta que garante a equidade cultural, possibilitando os processos dialógicos para a construção de consensos. Para solucionar os conflitos se procura chegar a consensos. Procura-se aprofundar a democracia para que não haja submissão.

A proposta implica assim em rupturas na forma-conteúdo de se formar pesquisa-pesquisador(a) e centra-se na realização de ações que reconhece que o objetivo da pesquisa não é instituir /construir “verdades absolutas”, mas sim, problematizar/refletir sobre a realidade a fim de seguir ampliando as propostas de compreensões e narrativas *outras*. Assim, muito mais do que garantir uma resposta, o ato de pesquisar na dimensão do Bem Viver, busca possibilitar questões/problemáticas *outras*, pois reconhecer que enquanto sujeitos interculturais, produzimos e refazemos constantemente nossas realidades e percursos.

Nessa direção, compreendemos que a pesquisa-pesquisador(a) forjado nas linhas da diferença e da heterogeneidade ocorre quando nos colocamos na condição de aprendizes e que a pesquisa diz de um espaço-tempo-sujeito quem possuem suas marcas identitárias próprias e foram forjados em um contexto histórico-político-social que necessita ser considerado. Assim, pesquisa não é uma ação neutra e nem passiva, mas exige do(a) pesquisador(a) um olhar crítico-reflexivo-afetivo no ato de pesquisar/construir e produzir epistemologias *outras*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender vem a ser tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro. Pode-se dizer que aprender, afinal de contas, é uma tarefa infinita, mas esta não deixa de ser rejeitada para o lado das circunstâncias e da aquisição, posta para fora da essência supostamente simples do saber como inatismo, elemento a *priori* ou mesmo ideia reguladora. E, finalmente, a aprendizagem está, antes de mais nada, do lado do rato no labirinto, ao

passo que o filósofo da caverna considera somente o resultado – o saber – para dele extrair os princípios transcendentais (DELEUZE, 1998, p. 271).

Consideramos que a diferença e a heterogeneidade são elementos que constituem a pesquisa-pesquisador(a), sinalizando que a produção de conhecimento é forjada por (des)encontros e tensões que constituem o ser-mundo. Assim, vamos compreendendo que é no percurso, nos processos que vamos nos formando e/ou por vezes (des)formando pesquisadores(as). No entanto, seguimos considerando que toda abordagem teórico-metodológica tem suas brechas e limitações, que nenhuma veio para “resolver/solucionar problemas”, mas sim, contribuir na compreensão, interpretação e (re)invenção de novas narrativas e abordagens.

Com base na perspectiva transgressora que reconhece e milita por propostas outras de ser-fazer pesquisa-pesquisador(a), reconhecemos que a formação do(a) pesquisador(a) no contexto do Mestrado e Doutorado ganha um sentido *outro*. Seguimos assim, considerando que o(a) mestre(a) e doutor(a) em Educação Contemporânea, não é formado(a) em seu “objeto de pesquisa”, mas sim em Educação Contemporânea. Nesse sentido, reconhecemos a importância de programas de pós-graduação no âmbito do Mestrado e Doutorado, a exemplo, do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea- PPGEduc, da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, do Centro Acadêmico do Agreste-CAA, é um espaço-tempo formativo que busca ampliar as possibilidades de se pesquisar e contribui na formação do(a) mestre e doutor(a) político-epistemicamente preocupado com os desafios que constituem a Educação e segue plantando em cada um(a) a esperança freireana de seguir a acreditando e construindo um mundo-sociedade-educação *outro*.

A formação da pesquisa-pesquisador(a) vai se configurando no constante processo de aprendizagem. A proposta de pensar-sentir-viver processos formativos *outros* é, sobretudo, uma proposta de seguir questionando a realidade e propondo formas *outras* de realizar pesquisa, ou seja, de pesquisar não sobre algo/alguém, mas sim, de pesquisar com algo/alguém.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Minas Gerais: UFMG, 2006.

BRAYNER, Flávio Henrique Albert. Homens e mulheres de palavra: sobre o diálogo. **Anais-ANPEd**, 30ª Reunião Anual da ANPEd, GT: Educação Popular / n.06, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "1. Introdução: Rizoma". In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011, p. 17-49.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Cortez, 1996.

GALLO, Sílvio. "Deslocamento 3. Rizoma e Educação". In: GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 85-99.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: KOHAN, Walter Omar (Org.). **Lugares da Infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP & A, 2014.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire: um menino de 100 anos**. - 1 ed. - Rio de Janeiro: NEFI, 2021.

LACERDA, Rosane Freire; FEITOSA, Saulo Ferreira. Bem Viver: Projeto U-tópico e De-colonial. **Interritórios** | Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL | V.1 | N.1, 2015.

LARROSA, Jorge. A OPERAÇÃO ENSAIO: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**. 29 (1):27-43, jan/jun, 2004.

LARROSA, Jorge. "Como se chega a ser o que é. Para além da Bildung". In: LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 41-67.

OTTE, Georg. **Rememoração e citação em Walter Benjamin**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v.4, p. 211-223, out. 1996.

UFPE. **Regimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea**. (Aprovado em reunião do Colegiado, em 28/03/2018). B.O. UFPE, Recife, 56 (30 Boletim de Serviço): 1 - 82 - 05 de março de 2021. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ppgeduc/documentos> Acesso: 20 jul. 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. "O sujeito". In: VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 107-115.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 131-152, julio-diciembre 2008.